

Jornal e hábito de leitura na construção da identidade

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira
Pós-doutora PUCSP

A leitura diária de um jornal como um hábito

Um hábito matinal, como tomar café com pão e manteiga, é tomar café da manhã com jornal, ou, no caso dos vespertinos, o jornal acompanha o almoço, a espera para ser atendido, a volta do trabalho, a pausa da chegada em casa, o término do dia. O papel do rádio, da televisão, e, recentemente, da internet, que noticiam ao vivo, *em ato*, os fatos que se transformam em notícia, pouco modificou a constância com que o jornal se apresenta no dia-a-dia de seus leitores. Inclusive, ele passou a ser conjugado de vários modos às demais mídias, fazendo aparecer combinações como a leitura do jornal vendo TV, ouvindo rádio. De todas essas circunstâncias de leitura, atestando que a mídia impressa continua mediando em grandes proporções o contato do sujeito com o mundo, o que nos interessa compreender é a sua adoção como um hábito de um grande número de leitores, investigando o seu sentido na vida cotidiana.

Na acepção em que o termo é definido na sociossemiótica desenvolvida por Eric Landowski, o hábito¹ é a repetição de um fazer, de um modo de agir, de uma prática que produz um tipo específico de contato entre o sujeito e o que ele faz. A reiteração daquilo que já foi feito, com o propósito do sujeito seguir fazendo esse ato da mesma maneira, estrutura um hábito. Esse atesta um ato de vontade do sujeito, um querer, com essa mesma prática, a mesma significação e o que ela lhe produz, agindo sobre ele no seu viver. Esse tipo de contato seqüenciado, visando a manutenção de um certo estado d'alma na medida em que se mantém um dado estado das coisas, intervem no modo de viver e de sentir a vida. Acostumando-se ao sentir desencadeado pelo mesmo tipo de arranjo, o sujeito se familiariza com ele e o seu querer senti-lo, de novo, é a única volição que o faz praticá-lo uma outra vez e de modo igual. Quanto maior essa familiaridade, mais a continuidade de um hábito é desejada pelo sujeito, pois a constância de sua ocorrência confirma o sentir do já provado, fazendo o sujeito saboreá-lo porque gosta do seu gosto e aprendeu com ele como sorvê-lo. Nessa acepção, o hábito desencadeia um sentir calculado que, volitivamente, é praticado a fim de redimensionar a condição estética da significação ordinária das coisas, do mundo, dos seres.

A repetição de um sentido vivido, na e pela experiência, aparece nos estudos de Landowski em tipos de contatos particulares, como o experimentado na dança, no montar à cavalo. No caso de um par que dança, os passos e movimentações de cada um engendram os do outro para fazer em dueto a dança. A continuidade dessa prática desenvolve entre eles, por um ajustamento, o como estar junto, e um prazer da descoberta somática mútua e progressiva os invade. Quanto ao encontro do cavaleiro e do cavalo, esse se faz pelo que o contato reiterativo entre os dois sujeitos produz exclusivamente pelo estar um em relação ao outro. No e durante o ato do contato, sem

¹ O hábito tem sido tratado em vários artigos de E. Landowski, a saber: "Pour l'habitude", in *Caderno de Textos do Centro de Pesquisas Sociossemióticas*, N°4, 1998, São Paulo, CPS, pp. 155-162; "En deçà ou au-delà des stratégies: la présence contagieuse", in *Caderno de Textos do Centro de Pesquisas Sociossemióticas do CPS*, N°7, São Paulo, CPS, pp.325-350; "Da Imperfeição, o livro do qual se fala", in *Da Imperfeição*, trad. para o port. A. C. de Oliveira, São Paulo, Hacker, 2002, pp. 125-150, que foram revistos e ampliados no seu último livro: *Passions sans nom*, Paris, PUF, 2004.

que um dos sujeitos detenha um dado saber e poder sobre o outro, mas, contando tão somente o fazer do cavalo e o do cavaleiro, constrói-se o seu particular encontro. À moda deles, o encontro desenrola-se, lance a lance, pelo ajustamento, que mais os afina no fazer junto. Progressivamente, no sentir-se sentindo o outro, com toda a intersomaticidade engendrada, ocorre no interatuar uma presença efêmera, contagiante, que, no curso das mesmas circunstâncias temporais e espaciais, faz advir um outro sentido que surpreende o sujeito, ao descobrir-se um outro transformado, pelo seu próprio agir repetitivo. No encontro banal e corriqueiro, o contato dos sujeitos os reúne sem, contudo, fusioná-los. A significação passa a ser apreciada pelo seu gosto de redescoberta de si, do outro.

A leitura diária do jornal é um tipo de encontro que, à primeira vista, não apresenta semelhanças com esses tratados por Landowski, uma vez que a ação repetitiva serve a propósitos precisos do leitor e do jornal que não dariam vazão à ordem do sensível. Nossa hipótese, no entanto, considera que, apesar da finalidade interessada com que o leitor lê o jornal, ocorre um sentido no encontro dele com esse outro sujeito que o leva a querê-lo, pelo contato mesmo. Uma apreciação desse tipo de relação o disponibiliza para o seu cultivo enquanto hábito, que tem um fazer significativo em si. Ainda, uma diferença importante entre os outros encontros e o contato do leitor e o jornal está centrada na dimensão somática da relação dos sujeitos que, no nosso objeto, só metaforicamente podemos mencionar que se processa por meio de um corpo a corpo. No mais das vezes, o envolvimento do corpo no processamento é descartado inteiramente dos estudos sobre essa mídia impressa, inclusive por que eles tendem a tratá-lo como seqüência de atos que a objetivação automatiza. Mesmo sendo esta dimensão somática secundária nos estudos da comunicação assim como nos estudos semióticos que se ocuparam do jornal, somos guiados a abordá-la em função do significado da sua busca para os sujeitos. Como um meio para se informar, esse contato não se concretiza sem as medidas que o leitor toma para marcar e fazer esse seu encontro diário com um jornal específico. É nessa perspectiva de um encontro calculado, que se repete no ciclo de um dia para outro, inclusive, por um empenho dos sujeitos na sua produção, e não somente pelo saber produzido, mas também pelo que esse encontro o faz sentir de si mesmo, que abordamos aqui a leitura do jornal na acepção de um hábito segundo a proposta de Landowski. Postulamos, em outras palavras, a instauração de um sentido que se dá antes da leitura do jornal, mas que reside no ato mesmo de ler o jornal: o sentido do hábito.

Que as resultantes maiores desse tipo de encontro são de ordem cognitiva e pragmática, nós não deixamos de reconhecer, porém, ao mesmo tempo, nos parece que, antes dessas, talvez como uma pré-condição delas, se esse conceito de fato é operacional, ou como uma relação de pressuposição entre tais ordens, o traçado progressivo do encontro, produtor da familiaridade, atesta uma ordem do sensível na estrutura da relação tanto entre o leitor e o seu jornal, quanto entre o jornal e o seu leitor. Como um encontro qualificante desses sujeitos, em que um se ajusta ao outro, indagamos qual é a especificidade do procedimento de ajustamento e das ressemantizações?

Com todo detalhamento que a manifestação do hábito exige do leitor, por meio de gestos e de reiterações para a sua instauração, destaca-se, desde o início, que menos a faceta revelada na relação daquele com quem se está interagindo, cujo contato faz o sujeito ajustar-se ao seu desenrolar, temos que, no jornal, é mais a sua mesma face que é esperada repetir-se a cada encontro. Tanto quanto o surpreendente de uma faceta nova que se descobre em ato, no caso da mídia impressa, é a constância de uma mesma face e de sua atuação particular que emana as qualidades sensíveis que tocam o leitor. No seu

agir, elas o convocam para, sentindo-as, nelas reconhecer o que essas mesmas qualidades já lhe exigiram apreender de sua conformação. Com maior familiaridade a cada encontro, o leitor acostuma-se à mesma face do jornal justamente pelo seu modo de articular a sua leitura, dinamizando-a e não como uma rotina que o automatismo esvai a significação. Ao contrário, o estar em relação com um conhecido lhe proporciona um algo mais. Do e pelo contatar as constantes do modo de noticiar do jornal, o leitor apreende um saber ser em relação às novidades, ou à variabilidade das novas que a mesma face lhe informa.

Tomando a situação de leitura do jornal como uma experiência que se vive a dois, o que se observa é que os vários cuidados para arranjar-la não são só feitos pelo leitor, mas vão ser empreendidos também pelo jornal o qual define a constância de sua apresentação, pelo perfil de seu leitor. Este lhe impõe o seu modo de ser, os tipos de convocação e de simulacros que o fazem agir. A repetição da mesma face do jornal não deixa então de resultar num ajustamento dos dois sujeitos e esse ato produz um modo de presença do jornal que tem alguns dos traços da presença contagiante nos termos em que essa se dá nos encontros analisados por Landowski. Ao se apresentar a cada dia na constância da mesmidade estrutural ao leitor, o jornal lhe proporciona sentir-se no ato de leitura também como o mesmo que era ontem. Um sentir que é vivido exclusivamente nesse tipo de encontro cujos efeitos são repercutidos pelos modos de presentificação dessa reafirmação identitária, ou seja, também um processamento por meio do contágio.

Numa época em que o fazer sentir do destinatário é predominantemente organizado pelo destinador em função de fazê-lo sentir-se um outro, o jornal emprega uma estratégia distinta para fazer ser o que com ele interage, propondo-lhe sentir-se o mesmo. A edificação da identidade visual do jornal com padrões que lhe são próprios, se tornou uma prescrição de vida, tanto quanto essa o é para as organizações e empresas que precisam fincar as suas âncoras identitárias no oceano do mercado multinacional, na atualidade, global. Essa necessidade contextual impulsionou o desenvolvimento recente do design gráfico e a sua expansão enquanto profissão com mercado de trabalho assegurado.

O encontro entre o jornal e o leitor se desenrola regido pelas normatizações e convenções do modo do primeiro apresentar-se ao leitor pela sua configuração visual. Sua identidade constrói-se visualmente, resultando em que aquilo que o leitor sente pelo jornal, antes de tudo, é concretizado pelo que esse dá a ver de si mesmo. A anterioridade do seu ajustamento ao leitor, que um projeto gráfico concretiza como solução à apresentação da mídia impressa, não impede que ocorram procedimentos outros de ajustamento, na duração de seu processo de vida, contudo, não há a transformação do sujeito jornal no ato interacional, em função de um agir pontual do leitor. Só um outro projeto gráfico pode dar conta de atender os descompassos da falta de ajustamento, promovendo-o. Fazendo da sua programação visual uma condição pressuposta do contato com o leitor, o jornal faz o leitor saber estar e se relacionar com ele.

O enfrentamento de uma oposição semântica de base nos termos de manutenção vs variabilidade é reapresentada ao leitor a cada nova leitura do jornal, o que o leva à ritualização das suas disposições a fim de garantir para o seu usufruto os efeitos de sentido, que a sua exploração o fez aprender e que o continua ensinando a como deles tirar ainda mais proveito. Em função dessa constância construída no jornal, moldada a partir de comportamentos e disposições do próprio leitor, esse pode desfrutar de um modo de estar em relação, seguindo os passos de um ritual regido pela organização visual do jornal que faz o leitor, reencontrando-a com a familiaridade que passa a ter

com ela, deixar-se então levar para ir se envolver tanto diretamente com os conteúdos que esta mesma expressão veicula, quanto com essa mesmidade, operadora da passagem da ordem do sensível à ordem cognitiva.

Se o leitor professa esse culto ritualizado, no transcurso diário do advento da leitura, a sua vivência também passa a ser um objeto de valor. Antes do que se lê no jornal, a escolha da leitura é decisão do sujeito que a arranja, segundo um certo modo de fazê-la, que é reiterado. Todavia, de igual modo, a recíproca se coloca, uma vez que o jornal armazena, os desencadeadores da prática desse rito, mostrando, por seu lado, que ele se arranja estruturalmente para manter a sua identidade que o fez ser o preferido do leitor e, com os seus cuidados para reiterá-la, ele cultiva a sua constância.

Muito aquém da rede de estratégias manipulatórias do jornal para se promover enquanto um produto de consumo, o que se apresenta é indicativo de que o hábito de leitura dessa mídia assume na contemporaneidade o lugar de outros ritos. Como em muitas manifestações de nosso tempo, na ordinariedade das pequenas coisas, à primeira vista, beirando a insignificância, passaram a ser inscritos os reguladores do sentir-se na própria pele, no mundo, que ajudam no traçado dos modos de estar do sujeito, das marcas identitárias e do estilo de vida do ser na sociedade. Do mesmo modo que os mitos na sociedade capitalista passaram a ser certos produtos emblemáticos em circulação no mercado massificado, esse hábito típico das sociedades letradas, que só ganhou tal existência no bojo expansionista da sociedade industrial no século XX, também metamorfoseia a leitura diária do jornal.

O arranjo plástico na constituição da identidade do jornal

Na estruturação da totalidade textual, o jornal é organizado em blocos de cadernos encaixados, cada um deles com um certo número de páginas, que lhe dão uma espessura e um peso físico. Antes de qualquer outro atributo, a unidade dessas partes é montada pelo modo de dar visibilidade às notícias por um projeto gráfico. Concebido com uma duração extensiva, esse projeto orienta o posicionamento e distribuição das informações nas páginas e nos cadernos, construindo a aparência do jornal em função do corte do papel em um formato quadrado ou retangular, cujas dimensões o particularizam. Cada página é composta por um número estabelecido de colunas com larguras e composições entre essas determinadas, que esquadrinham a distribuição das matérias verbo-visuais, na sua verticalidade, e por um certo número de fragmentações que criam os espaços das manchetes, rompendo, na sua horizontalidade, a regularidade monótona através do balanceamento das dimensões das colunas e da dinamismo da sua distribuição. No imbricamento desses dois eixos, vertical e horizontal balizam o alinhamento e ritmo das colunas na quadratura do formato, um desenho geométrico padrão, no qual são alocados os textos produzidos a partir de usos das duas linguagens com as quais essa mídia impressa constrói o seu plano da expressão: as linguagens verbal e visual.

Os recursos próprios da tipografia e do *design* gráfico unificam os textos sobre os quais operam, dando-lhes uma visibilidade uniforme. No formato do jornal, a diagramação é o arranjo topológico de ordenação dos elementos da composição. São formas e cores, posicionadas em figuras geométricas regulares de quadrados e retângulos que, por uma série de relações diversas são articulados pelo design gráfico na apresentação visual do jornal.

Como entidade visual é o arranjo de sua plástica, delineada pelo projeto gráfico, que edifica o hábito de leitura do jornal. Em função da familiaridade com essa plástica, que a estética do desenho gráfico tem um papel central, o leitor cultiva os efeitos da sua

significação. Assumimos que é graças a esta esteticidade que o contato com o jornal é buscado pelo leitor como algo que lhe apraz, mesmo se o que ele vai ler não lhe produza esse sentir. Assim, o arranjo das notícias faz o leitor cultivar uma espécie de gosto pelo seu gosto, que é definido por um estilo de sua identidade e de seu modo de vida. Como todo plano do conteúdo é veiculado por um plano da expressão que o manifesta, somos levados a tomar da semiótica plástica, desenvolvida particularmente por Jean-Marie Floch e Felix Thülermann, as operacionalizações conceituais e metodológicas para descrição do plano da expressão do jornal. Sem análises de jornais distintos nessa etapa da pesquisa, apesar de sabermos da relevância delas, pensamos aqui os procedimentos de estruturação geral da plástica do plano da expressão na constituição do hábito de leitura do jornal

Os conceitos de categoria constitutiva e categoria constituinte nos permitem classificar os elementos, enquanto formantes, que entram na composição e têm nela um papel que os distingue entre si, pelas suas operacionalizações funcionais. Para a descrição do plano da expressão, a postulação de que os constituintes desse se apresentam articulados em três patamares, permite-nos, pela relação de contraste, assinalando a diferença distintiva entre os significantes, determiná-los quer enquanto um traço minimal, quer enquanto a articulação funcional desses no todo do arranjo. A unidade mínima da expressão é concebida enquanto *formante*. As unidades intermediárias, que estão aquém dos signos, formam a figura estabelecida a partir de uma reunião de um conjunto de feixes de formantes que se articulam entre si com um dado fazer figural no arranjo significativo. A partir da formação das figuras, essas podem ser agrupadas em função de uma mesma atuação funcional marcada pelas relações isotópicas que as interligam coesamente na formação de uma mesma categoria da expressão. Do agir mais particular e específico em que se ordenam os formantes que são de tipos distintos, a saber: matérico, eidético, cromático e topológico, chega-se, pelas suas interações articulatórias, às *figuras*. Por meio de procedimentos de relação dessas partes na formação de um todo mais genérico, determinam-se as *categorias* da expressão, cada uma delas agrupando figuras e formantes recorrentes em uma grandeza que, na sintagmática do arranjo, produz um efeito de continuidade e permanência ao longo de sua estruturação.

Esses conceitos nos permitem tanto descrever como os tipos gráficos, pelas linhas, espessuras, volumes e orientações vestem de sentido as palavras, através das marcas instaladas no tipo de letra, com o seu tamanho e formato, em negrito, *bold* ou itálico, em caixa alta ou baixa, com os tons do preto ao cinza, formando as variações cromáticas do claro e do escuro, e o contraste desse com as demais cores que penetraram o jornal sem contudo abalar o seu bicromatismo com o qual as colunas se fazem visíveis e atuantes. Por outro lado, esses conceitos permitem estudar o modo de articular as palavras com os demais elementos como fotografia, desenho, computação gráfica, tabela, quadro, publicidade, que são, em termos da visualidade, os recursos de uso mais freqüentes no jornalismo. Ao dar espaço ou compactar os vazios entre as colunas, as chamadas e as matérias, com os textos verbais e visuais, esse modo distribucional produz um efeito de ordenação da quantidade e de seu controle, pois, as colunas de vários tamanhos encontram-se sempre alinhadas numa geometria marcada pelas regularidades da simetria e do equilíbrio. Prova-se assim, para aquele que a depreende da leitura do jornal que todos os fatos são passíveis de uma diagramação que passa tanto a contê-los nas colunas da matéria, quanto os põem em relação a outras matérias em outros espaços. O jornal organiza e classifica as notícias ao diagramá-las nas posições várias do suporte papel. Posicioná-las nesta topologia é conferir-lhes valores e sentidos.

O papel enquanto suporte não tem chamado a atenção dos estudiosos do jornal, mas ele age tanto como formante matérico, quanto formante topológico. As características mátericas do papel entram na formação do sentido, quando, por exemplo, um outro tipo de papel é empregado a fim de montar um contraste entre eles em termos de textura, trama, compactação do papel que permitem maior resolução da impressão, brilho das letras e das cores nas fotografias, valorizando por si os conteúdos dessa página do encarte. Essa estratégia de uso de diferentes tipos de papel, a fim de assinalar uma valorização do conteúdo, marcar uma diferença de contexto, tem sido muito empregada nos jornais em que um papel de qualidade superior ao uso corrente instala sentido. Com maior gramatura, maior luminosidade e brilho, mais textura e granulação, essa materialidade indica, por si própria, a axiologia valorativa do que está nela posicionado, ao mesmo tempo que esse outro papel é assim apresentado como integrando um suplemento, um encarte do jornal, e não uma parte dele integrante. Mas, correntemente, o material papel usual não recebe um investimento nas suas qualidades significantes, exceto em termos da sua cor. Deixada para ser vista, essa qualidade atua não só enquanto formante cromático mas também enquanto formante eidético, num uso que é da maior importância na distribuição compositiva do verbal e do visual na página branca. A cor do papel tem uma atuação eidética, ao traçar os contornos, os enquadramentos, a aproximação e o distanciamento, e o mais importante, ao demarcar as margens que, sobretudo atestam que esse cromatismo é um corte em um mundo mais vasto, cujo formato do jornal é, por definição, o seu mundo plástico de realização. Nessa materialidade mesma que o faz significativo, o mundo de papel é o mundo das linguagens, cujo referente existe nele próprio, no seu interior, e não fora dele.

Do mesmo modo que o suporte da pintura é muito mais do que um mero receptáculo de tintas e matérias outras, o papel, além de apresentar-se eideticamente na página do jornal por sua cromaticidade, ao fazê-lo, ele, uma cor mais ou menos branca, um material com gramatura, com a sua maior ou menor luminosidade ou opacidade, é o espaço topológico do formato, com um tamanho, direção de uso. Nessa complexidade funcional, cada um desses elementos atua como mais um dos constituintes do sentido. A escolha do tipo de quadratura a adotar não é neutra e um corte retangular maior ou menor, ou um quadrado, instalam coerções aos modos de alocação dos constituintes, que o projeto gráfico programa a partir das dimensões do formato adotado. Efeitos de sentido são produzidos pelos direcionamentos que um formato põe em ação, sendo ele o primeiro investimento de valor do sujeito destinador. Com base nessas linhas de forças e nos valores dos eixos e posições, verbal e visual são enquadrados numa distribuição que segue o projeto gráfico. Assim, qualquer arranjo que deixa de segui-lo, faz-se apreender pelo leitor como uma ruptura da diagramação usual e chama atenção sobre si mesmo, o que mais parece comprovar a nossa hipótese de que o projeto gráfico desempenha um dado procedimento de ajustamento específico no tipo de encontro entre jornal e leitor.

Pela sua atuação no conjunto, a diagramação jornalística pode ser descrita como uma *categoria constituída* por meio de outros elementos que, como *formantes* e figuras, atuam no todo como *categoria constituinte*. São desses dois tipos as categorias relacionais dos elementos que constroem o plano da expressão do jornal. Para a sua descrição, partimos da identificação dos elementos com o propósito de estudar como eles são articulados, pelos tipos de relações que tecem a trama do todo de sentido, com o plano do conteúdo. Não há, pois, como considerar unicamente o plano do conteúdo no jornal. Mesmo se é ele que informa o objeto de valor do jornal, todo conteúdo só é manifesto por uma expressão, cuja estética lhe confere uma estruturação pelos modos de articulação dos seus elementos na constituição da totalidade manifesta do sentido.

Como os destinadores do jornal objetivam veicular essa manifestação em uma textualidade que produz uma compreensão direta, num tempo de delimitação curta, o plano de expressão do jornal não é programado para chamar atenção sobre si mesmo. Pressupondo uma operação rápida na correlação dos significantes em significados, o plano da expressão do jornal é uma totalidade verbo-visual cujo projeto gráfico distribui as partes constituintes no espaço branco da página, organizando nele os valores marcados pelas posições alto vs baixo, lateral vs central, direta vs esquerda, ângulos superior vs inferior, traçado das diagonais ascendente vs descendente, etc. Essas categorias articulam uma primeira construção da significação do que é informado. Um mundo verbo-visual é distribuído em espaços verticais e horizontais articulados, que cada jornal apresenta plasticamente ao leitor, permitindo-lhe, antes do conteúdo lido, saber algo desse, por meio da apresentação sensível da quadratura delineada como o seu mundo, que se faz sentida na e pela leitura.

Nessa mídia, a palavra é dada a ver pela tipografia, a partir dos recursos de seu sistema, o que permite tratar a linguagem verbal como um dos elementos da visualidade e, talvez no jornal, o elemento central. A visualidade dá visibilidade à palavra sem essa perder a sua especificidade de sistema verbal, que a dispõe no espaço da página branca do papel para também significar pela sua distribuição topológica, à moda da poesia concreta e da poesia visual, que realizaram um projeto estético justamente centrado-se na exploração das características visuais da palavra. O verbal tem existência no jornal, mas também no livro, na revista, na propaganda, pelo seu tratamento tipográfico, sua diagramação, seu projeto gráfico. Esses entrecruzamentos com o do sistema visual em sua constituição própria montam, pela participação dessas linguagens distintas, a forma única da expressão verbi-visual no jornal.

O tipo gráfico usado, o tamanho do corpo da letra, as espessuras, os volumes; as colunas nas quais são distribuídos os tipos gráficos com uma dada largura, espaçamento entre as colunas, o número e posição das colunas na distribuição pelas verticais e horizontais, a cor dos tipos gráficos mais ou menos preta, e o jogo entre o branco e a gama de tonalidades do cinza ao preto, todos esses são elementos que vão formar o modo de visibilidade da palavra. O seu comando faz-se por estratégias de ocupação e de distribuição visual do verbal no espaço em que o instalam para significar.

Identidade visual e hábito

Ao abrir o seu jornal, a cada dia, seguindo as orientações do projeto gráfico que o identifica, o leitor deposita a sua inteira confiança de que vai encontrar, nesse novo dia, numa temporalidade de vinte e quatro horas transcorridas, o seu jornal com a mesma organização gráfico-distribucional dos dias anteriores. Um simples sentir consolidado na repetição do que o leitor se depara no seu encontro visual com o jornal e que o disponibiliza para lê-lo tem o seu funcionamento sedimentado nos recursos que o plano da expressão do jornal lhe conferem como os seus atributos formais, no qual o delinear da articulação do verbal e dos demais elementos do visual, no todo coeso dessa plástica, é um traçado da identidade do jornal escolhido.

Ainda, esse sentir exerce um papel de pressuposto de leitura: aquele jornal escolhido para se encontrar de manhãzinha e, com ele sentar-se à mesa do café, esse jornal, um sujeito com um dado agir sobre o sujeito leitor, ele vai estar nessa interação com a mesma face, que o design gráfico lhe confere, ao fazer permanecer na seqüência os mesmos posicionamentos dos seus elementos, enfim, mantendo o mesmo comportamento dos jornais lidos anteriormente. A partir das escolhas que comandam o arranjo plástico do seu plano de expressão, configura-se a identidade visual do jornal

que, com um estilo, agrada ou não aos seus leitores, é apreciado tanto pelo seu modo de ser, quanto pelo seu modo de fazer o seu leitor ser. Esses modos desenvolvem no leitor uma forma de gostar de sua constituição plástica a qual lhe ensina como apreciá-la para sorver, depois, a seu tempo, mais ainda da constituição do conteúdo.

A promessa de manutenção da identidade ideológica de seus posicionamentos sustenta esse contrato de *impressão de fidejussão* tanto quanto a promessa de encontro da identidade visual, num sinal de que tanto o jornal quanto o próprio leitor mantêm os dois a mesmidade que os define na relação que entretecem. Essa repetição no contato entre eles faz o leitor sentir o sentido da continuidade que significa, sendo ela a grande aposta do leitor de um jornal. Para começar o dia, escolhe-se aqueles poucos selecionados para partilhar a estimada privacidade da intimidade, e, diante dos olhos, está lá o jornal com o mesmo arranjo plástico que, visualmente, o faz ter hoje a mesma identidade de ontem, e que o leitor se acostuma com ela, passando a ver o mundo das palavras pelo tipo do arranjo gráfico que lhe dá visibilidade visual e com esse ele é levado às novas.

A correlação de um plano da expressão, cuja armação geral da composição do arranjo verbal e visual se repete, a um plano do conteúdo, que varia as novas que informa, mantendo o modo de informá-las pelo arranjo da linguagem verbo-visual, caracteriza, com as suas marcas particulares reiteradas, o estilo do jornal, atributo central de sua identidade. Na situação do encontro habitual, o enunciador detém um saber sobre o enunciatário a partir do qual ele enuncia o seu enunciado em conformidade com uma visão da realidade. Essa performance do enunciador o faz oferecer ao enunciatário somente o que é esperado que o jornal contenha, mantendo intocável o padrão que produz entre leitor e jornal a sua relação interativa, assim como o modo correlacional do tratamento dos fatos pelos dois planos da linguagem. As implicações desse agir repetitivo do que enuncia indica que, para a abordagem do hábito, não é tanto sobre uma problemática da iconização, nos termos dos simulacros que o jornal cria, que sedimenta a dimensão sensível, mas é, sobretudo, sobre a construção do referente interno do jornal e de seu construir-se como situação interacional que abriga, no mundo do jornal, um tipo de espaço de presença dos seres de linguagem que aí constrói os seus encontros subjetivos. Entre o jornal e o seu leitor instaura-se um cultivo da relação da parte dos dois sujeitos que se põem a se sentir e a se ajustar para entretecer o contato. Decorre da efetivação volitiva de um modo de estar, a instalação de uma das condições do enunciador agir sobre o enunciatário, para armar e exercer o fazer crer em termos de contratos de adesão que o jornal desenvolve e que a semiótica já bem explorou. A dimensão sensível perpassa a instalação das condições do “sentir-se estar e ser em relação a”, que os procedimentos de ajustamento de um sujeito a outro fazem juntos ocorrer o contato, que as modalidades se ocupam depois de descrever como ele se passa.. Em razão disso, como pressuposto da construção da dimensão cognitiva da leitura do jornal, enquanto um hábito é toda uma operação da dimensão sensível que põe em contato os sujeitos, com as suas formas sensíveis do cultivar-se de cada um pelo que esse hábito os faz sentir.

Assumimos que essa relação de contato, quase sempre analisada pelos estudos da semiótica como programas do plano do conteúdo, está centrada no nosso objeto de estudo no *sentido sentido* da continuidade da apresentação visual do jornal, que permite ao leitor identificá-lo a cada leitura como aquele sujeito que ele conhece e julga confiável nas suas apresentações das notícias por que com que ele já se encontrou e experimentou o sentir agradável do estar junto. Aquém da dimensão cognitiva, mas também aquém da dimensão pragmática dessa mídia impressa, nos seus atos de manipular o objeto de valor aceito e partilhado entre jornal e leitor, é na dimensão

sensível que se baliza o encontro desses dois parceiros, alicerçando-se no mesmo modo de compor as feições da forma única do seu plano da expressão. Assim, o reconhecimento no arranjo plástico dos mesmos elementos constituintes do projeto gráfico desse texto sincrético por excelência, que é o jornal, instala, pelo e no arranjo plástico, as bases sensíveis do estar junto que tem seu papel nos vários contratos a partir do estabelecimento de um contato de base entre o jornal e seu leitor.

O crer verdadeiro e a dimensão plástica do jornal

Para dar mais sustentação a essa hipótese, faço uso de uma charge, que constituiu uma das peças da campanha de publicidade do jornal *The New York Times*. Ao falar do jornal, ela não só fornece alguns elementos para considerarmos aqui as problemáticas do referente interno à manifestação textual, da iconidade, no fazer crer e no dizer verdadeiro que a charge materializa na sua figuratividade, no plasmar a identidade e os valores em uma configuração facial do jornal montada pelos recursos da plástica da expressão, assim como da interação com o seu papel de pôr em contato os sujeitos, são todas questões concretizadas no modo particular que a estética do projeto gráfico delineia o particular atuar do plano de expressão do jornal. O plano do conteúdo está nele consubstanciado e circula nessa reunião entre duas partes e dois fazeres correlatos que envolve e sensibiliza os leitores do jornal para lhes fazer querer adentrar nesse mundo.

Um leitor, como o que, desde o início desse estudo, temos procurado caracterizar e descrever seu ser e seu agir, é apresentado por um desenho no ato mesmo de leitura de um jornal escolhido. A mesa posta e a torrada já preparada para o café da manhã indicam que o desjejum já foi bem antes iniciado, pois, não há dúvidas, que o alimento do leitor é o que o jornal aborda enquanto fatos e situações do dia. Como toda e qualquer presença se faz sentida pelo modo como a sua construção de linguagem é estruturada, a charge nos põe diante dos olhos o lado envolvente do jornal que absorve inteiramente a atenção do seu destinatário, inclusive, até fisicamente, pelo que noticia e também pelo como noticia as notícias. Pelos recursos dos estudos da enunciação, da figuratividade e da manipulação, os semioticistas têm dado conta dos procedimentos que o jornal põe em discurso para fazer fazer o destinatário. Consideramos em nossa abordagem que a construção do comprometimento do leitor com o ponto de vista do jornal está alicerçado no ato mesmo de implicá-lo no fato, que é construído pelos mecanismos da dimensão sensível a fim de levá-lo a se sentir estando junto do jornal em seu contato mesmo com a notícia. Trata-se de um fazer da enunciação, sem dúvida, mas também de uma obra dos meios plásticos no seu edificar a esteticidade desse pôr-se em relação que faz ser as posições assumidas e os que as assumem. Desse ponto de análise, o plano da expressão monta a fundamentação central de nossa abordagem.

As páginas abertas do caderno do jornal situam o que olha o desenho diante da primeira página e da última do primeiro caderno do *The New York Times*. No ato de ler as suas páginas internas, o leitor figurativizado nesse diário está todo englobado por esse jornal englobante. Ao mesmo tempo em que ele nos é apresentado, ocupando a posição do centro para a lateral direita, na qual a sua apresentação faz-se por ele sustentar nas mãos o jornal aberto que está lendo, absorvido pelas notícias das suas páginas internas, outros leitores, os pássaros, nos são apresentados, no todo da lateral esquerda, da parte superior à inferior. Através de uma vidraça aí situada na cenarização da sala do café da manhã, esses pássaros chegam em revoadas do distante da rua, lá de fora da sala, e se pode vê-los se movimentando até a entrada de alguns, pela esquerda, pela vidraça mediana aberta, até a mesa inferior, no plano frontal. Caracterizando o

grande número desses leitores, cada um deles é mostrado no desenho no ato de procurar se postar na boa posição para acompanhar a notícia de circulação intensa que produz efeitos de sentido da veridicção no seu público leitor, que está lendo o que lhes é informado na última página do primeiro caderno. Visualmente, apreendemos que o noticiado tem primeiro uma repercussão contagiante, no face a face com que os pequenos pássaros lêem, vendo o que um outro, seu semelhante, mas, também, a sua inteira diferença, a começar por ser um pássaro de outra espécie, de tamanho muito maior do que o deles, cujo agir desse grande pássaro no reino dos passarinhos com o qual o ser e o viver dos demais, uma multidão, se mostram implicados. Com essa figurativização do próprio si, um outro, as relações mesmas, que são articuladas no seu mundo vivido, fazem-se em ato para outros leitores, aos quais essa cena de duas partes é posta em uma única cena diante daquele que vê o desenho. Diante desses dois leitores nas duas cenas discursivas, há ainda outros leitores: nós, os destinatários, que somos aí posicionados para sermos levados a contatar o mundo do jornal que faz esses seus dois distintos segmentos de leitores agir de um só modo.

Esses mundos que têm cada qual uma construção específica são reunidos no e pelo jornal. Mas, sem metáforas, os pássaros estão implicados no seu viver com os pássaros e nós, leitores, instalados enquanto enunciatários, estamos implicados com esse modo de agir do jornal sobre os outros leitores, modo esse que nos atinge no contato com o agir do vazio do branco da primeira página, do primeiro caderno, desse jornal que exhibe unicamente o seu cabeçalho identitário. No alto superior, é esse nome do jornal que aí está diante de mim, de nós, num contato face a face, fazendo-nos preencher pela imaginação o seu ato de deixar a página branca, noticiando diante dos nossos olhos. Mutantemente, nós vamos contatando esse jornal *The New York Times*, desse nosso lugar instalado, do qual nos deslocamos para o dos pássaros, ao do leitor, numa circunvolução sem ponto final, voltando ao nosso lugar.

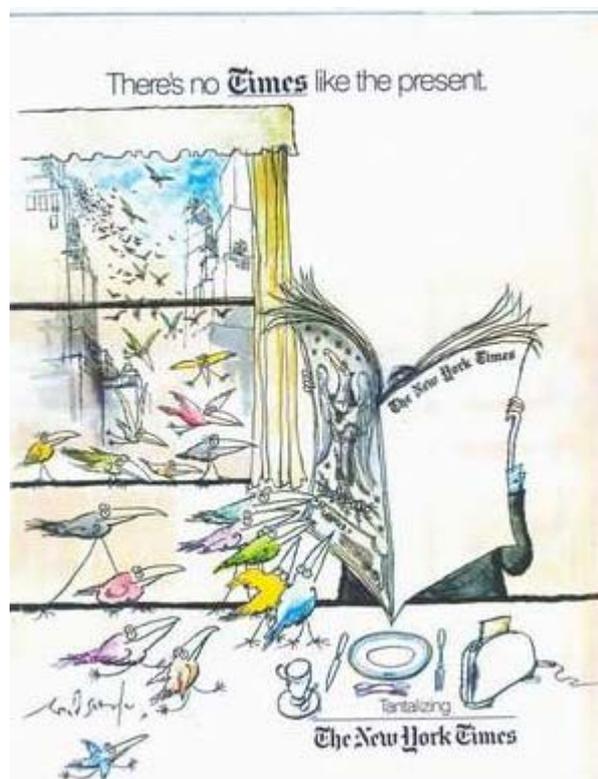


Figura 1: Propaganda do jornal *The New York Times*, veiculada na revista *Times*, no ano 1989.

Na transparência da vidraça, estão o mundo da cidade, com os seus altos edifícios, e o mundo natural, com essa revoada de pássaros. Deixando esse seu mundo próprio, eles se dirigem para o mundo construído pela linguagem do jornal na sua última página. Atualiza-se na charge o semantismo da célebre metáfora renascentista que define um objeto visual como janela do mundo. Mas que janela é essa para nós, leitores, que nos faz ver que a iconicidade é o recurso do arranjo da figuratividade, que sabemos estar na base do contrato fiduciário do dizer verdadeiro que o leitor atribui correntemente ser o papel do jornal? Em que o contrato enunciativo de leitura do jornal que instala uma relação face a face entre jornal e leitor, no aqui e agora da leitura, levado-o a um envolvimento com o modo de dizer do texto, tem relação com a problemática do hábito de leitura de um dado jornal que nos colocamos? A que mundo ou mundos somos levados por esse mundo figurativizado pelo chargista no qual foram posicionados já os pássaros e o leitor de terno e gravata, e que somos posicionados, num ir e vir, vivenciando cada um deles? Restringe-se esse fazer só ao ato de ver ou através desse fazer performativo da experiência da visão que desencadeia o fazer cognitivo são incluídos outros, assim como o prévio fazer sentir que estamos tratando no jornal? Qual é aí o papel do plano da expressão do jornal na conformação dos dois atos contratuais que ele instaura, e também, como a constituição identitária produtora da fidelização do seu leitor é instaurada pelos componentes sensíveis da linguagem gráfica, da diagramação, que fazem sentir quem detém a palavra antes de fazer saber o que ele profere?

A última página e as páginas internas produzem em ato, na presença dos dois leitores, o contato com o jornal tal como aquele do tipo de encontro envolvente, que se dá com o leitor para ele se sentir junto ao jornal. A página branca diante de nós arma as mesmas condições para a produção de um contato cara a cara, que nos é proposto, reforçadamente nos levando a revisitar os dois outros contatos efetivados, não sentindo-os, mas avaliando as implicações da construção do dizer verdadeiro e das armações subjetivas da interação, montadas pelo noticiar desse jornal. Instala-se no desenho, entre nós e o jornal, a presença contagiosa que já atuou sobre os sentidos dos demais leitores, levando-os à construção da significação, mas sobre nós o fazer sentir é desencadeado pelo fazer da tipografia e do projeto gráfico na construção do plano da expressão desse jornal específico.

O tronco inteiro da figura humana que não vemos, da mesma maneira que a face e a cabeça do leitor que figuram encobertos, preenchidos que estão pelo formato retangular do jornal, nos faz apreender que, nessa sua abertura para ser lido pelo leitor, está figurativizado que o jornal, com as suas feições, caracteriza-se pela mesma face daquele que o lê. Esse fazer sentir-se junto, no entanto já é uma manipulação do jornal baseada no simulacro do seu enunciatário que move o procedimento de ajustamento. Na primeira página do caderno, no branco, cor do suporte da folha de papel, na parte superior, com o tipo de letra, seu tamanho, cor negritada e, distribuído, no alto, por toda a horizontalidade da página, figura no cabeçalho identitário do jornal o seu materializar das letras que lhe nomeam The New York Times. O uso da fonte Chestenham remete exclusivamente a esse jornal, pois foi desenhada em vários pesos, especialmente para esse jornal pelo designer gráfico Matthew Carter, a partir de uma fonte concebida em 1896. Essa identidade tipográfica do jornal, ao ser vista, imediatamente faz reconhecê-lo antes mesmo de se ter conseguido ler todas as letras integrantes do nome e nem sequer ter lido o conteúdo que o referido jornal veicula. A seleção tipográfica semi-simbolicamente imprimiu uma identidade que vem sendo propagada como o próprio ser e estar do jornal nos seus contatos diários com o leitor, durante as décadas seguidas de

sua adoção. Essa vida mostrada numa duração temporal, na qual faz-se a sua história enquanto mídia, lhe doa um outro atributo particularizante. Essa constância gráfica vem produzindo efeitos veridictórios que levam não só a figura humana a ler essa mídia, mas até os pássaros, são figurativizados como inteiramente convencidos do dizer verdadeiro do jornal sobre o seu mundo. A identidade desse dizer é nada além do que atribuída a uma águia que tem os seus contornos distribuídos ao longo da página toda. Ao mesmo tempo em que funciona aí autoritariamente, ela nos permite identifica-la como o emblema dos Estados Unidos da América. Na sua própria superdimensão desenhada, esse jornal fala de si comprometido com as posições do próprio país do qual ele é originado e que o enunciador nos apresenta qualificando o referido jornal com a feição mesma da potência norte-americana em circulação diária no mundo no e pelo jornal específico.

Com essa identidade e com o seu dizer comprometido com valores ideológicos, o enunciador desse texto apresentou-nos o jornal pelos recursos da tipografia e do desenho que o identificam, e faz, de novo, uso desta tipografia, ao organizar a parte verbal da chamada do texto publicitário, na qual amarra esse raciocínio. A afirmação: “There’s no Times like the present” funciona como uma manchete diária da atuação do jornal que é anunciada como um valor. Numa síntese valorativa declara a publicidade que as notícias que as colunas vão desenvolver em vários argumentos têm um ponto de vista ideológico marcado, que é o da versão verdadeira do que se passa no mundo. Ainda em relação à visualidade do jornal, essa manchete afirma que o atual Times, com o seu projeto gráfico e tipográfico, é o presente singular desse jornal. A sua feição de hoje, a desse nosso tempo, é a que o enunciador nos declara ser sem igual ou o seu atributo maior. A esse presente, nós somos postos cara a cara, no aqui e no agora do ato do jornal reconhecer e mostrar com a sua apresentação o modo como ele age sobre o leitor que o lê. Nessa consonância enunciativa Times quer agir sobre nós, outros pássaros, no presente. Sentencia incontestavelmente o enunciador, nesse texto sincrético que é o de sua publicidade, o domínio de um poder pleno e de um saber avaliativo que esse poder exerce sobre o outro. Esse meio de comunicação e de formação da opinião pública propaga a sua competência como a sua marca identitária.

Face à atuação poderosa do jornal, que é assumida pela sua própria voz, na proposta de sua publicidade, como sendo voz geral, os leitores são levados a se ver projetados no jornal que usa de seus recursos para lhe comprometer com a sua voz. Nesse sentido é para uma superavaliação da competência de seu projeto gráfico com uma tipografia, diagramação e distribuição das colunas, manchetes, e elementos visuais na sua construção identitária, que a publicidade nos põe diante do nome do jornal. A fonte Chestenham, cujo corpo é delineado por vários pesos, é levada nas suas multidirecionalidades pela horizontal e vertical a se expandirem no espaço em que as curvas englobantes de cada letra indicam o seu fazer englobador, reiterativamente marcado a cada emprego da caixa alta no início dos vocábulos. Esse jogo de alto e baixo cria territórios de ação da caixa alta sobre as letras em caixa baixa, numa discursivação em que a atuação gráfica se assemelha ao agir da águia sobre os demais pássaros que mostra dominar e guiar. Semi-simbolicamente é esse o desempenho proclamado se seu agir pelo próprio jornal. Ao dar-lhe uma constituição estética pelo arranjo do seu plano da expressão, o papel primordial ressaltado, antes de informar qualquer conteúdo, é que o jornal Times tem uma identidade definida e um estilo que marca a sua atuação no cenário das mídias. Se uma identidade faz-se pela diferença da relação de um com os outros, a identidade de um jornal afirma-se nas suas marcas distintas, que a tornam única, singular e mesmo aurática, como é o caso da tipografia

do Times. O plano da expressão identifica e produz um modo de estar do jornal pelo que ele nos faz ver da particularidade do seu auto-colocar-se entre as mídias.

Voluntarismo, disposição ritualística do sujeito e estesia

Entre a ação e aquele que, de certo modo e com certos propósitos, a posiciona em seu dia e, do outro lado, a mídia impressa e seu fazer, voltado para a definição do arranjo dos traços de sua face, para seu estar no mundo do leitor, monta-se uma interdependência de papéis cujos atributos actanciais de cada um a seu turno, do agir de um sobre o outro, configuram a especial relação que eles entretecem. Os dois sujeitos se tornam parceiros, só que a negociação que travam juntos no seu interagir visa unicamente reforçar a construção dos próprios atos dos sujeitos, a fim de que eles se engrenem ainda mais na sua interação. Esse trabalho de ajustamento na mídia do agir de cada um em adequação ao do parceiro é o que se manifesta no arranjo topológico das várias notícias que se constroem repetidamente reforçando o mesmo interatuar subjetivo entre leitor e jornal. Esse procedimento não é sem conseqüências na constituição e manutenção do hábito de ler um dado jornal e, a ele, pode ser tributado o sentimento que leitor e jornal passam a nutrir entre si.

Resulta, portanto, da maior ou menor sintonia, a intensidade de propagação dos efeitos de sentido do hábito sobre o leitor e sobre o próprio jornal. Por meio do imbricamento de suas ações, regrido o desenrolar de seu relacionar, o hábito constrói uma série de modulações nos modos de um estar com o outro. Em razão da modulação persistente, o ordenamento se sedimenta com solidez, atestando na conformação das ações entre si, no interior da totalidade integrativa do conjunto, que essas são arranjadas para atuar num contínuo.

A disposição com que o jornal cultiva a sua ordenação verbo-visual de seus arranjos transforma assim a monotonia do fazer tudo sempre igual em algo que condiciona a instauração não só de certas ocorrências que se conhece, mas que são esperadas pelo leitor em razão do sabor testado do que elas lhe produz. Afastando-se por completo de uma rotina em que a repetição consome e esvazia a significação, o significante reiterado é potencializado e, na manifestação da espera do inesperado², tal como Greimas denomina essas situações, ele produz um prazer particular, originado justamente do ressaibo desencadeado por uma mesma ação com a sua perduração persistente. Nas demais situações do dia, cá e acolá, essa força residual do hábito imprime um reviver os efeitos do vívido sentido dos sentidos, o que faz com que o sujeito que conhece os valores e posições do jornal, atesta, sobretudo, que os aprecia e quer o seu agir sobre si mesmo, e quer agir com ele.

Assim é que a leitura do jornal que ocorre na hora do café da manhã — ou em qualquer outra temporalidade especificada tem a função de demarcar um tempo preciso no curso do dia desses amadores: há o tempo anterior à leitura do jornal e o que a sucede. O efeito de não receber o jornal em casa num certo dia, de não o encontrar para compra na banca próxima, de não o encontrar fechado no lugar habitual, ou ainda, de encontrá-lo já lido por uma outra pessoa que não o recolocou na seqüência devida, são situações, entre tantas circunstâncias exemplares, que só comprovam como uma descontinuidade minimal no hábito intervém no estado de ânimo do sujeito e o afeta sensivelmente.

Hábito e intersomaticidade

² A.J. Greimas, *Da Imperfeição*, trad. para o port. A. C. de Oliveira, São Paulo, Hacker, 2002, p.89.

Com todas as disposições para que ocorra segundo as fases de um rito, com hora e local marcados, a regularidade da leitura do jornal traz em si muito mais do que o ato de ler para se informar, sendo o seu valor constituído pela dimensão de seu papel de intermediador das competências do sujeito na realização de suas performances. Antes do que se lê, mas o gesto mesmo de pegar o jornal nas mãos, se ajustando o mais confortavelmente possível para abri-lo e efetuar a sua leitura, mostra o querer do sujeito estar com essa companhia. Nesse entreato, sem qualquer rompimento com tudo o mais que segue a dinâmica narrativa cotidiana, ocorrem os gestos da leitura: abrir o jornal, passar os olhos pelas suas colunas, páginas, que vão sendo folheadas, parar numa charge, afundar os olhos, aqui e ali, devorar uma coluna do começo ao fim, saltar de manchete em manchete, deter-se somente no início e no final da matéria, retornar a uma fotografia e à sua legenda. Os gestos fazem a sua própria linearização dessa configuração de mundo da qual o sujeito se apropria, antes de tudo o mais, pelo fato mesmo de detê-la entre as suas mãos, durante um certo tempo e no lugar em que ele próprio escolhe para contactá-lo.

Ao reter nas mãos o jornal, ajustando as suas folhas no bloco do caderno, abrindo-o inteiramente na duplicidade das páginas, dobrando-o ao meio, em quatro, suspendendo-o, abaixando-o, o sujeito o detém, assim como o seu mundo, sob o seu inteiro controle. São as suas mãos, inclusive, que enquadram os melhores ângulos para que a visão possa agir nos seus recortes de exploração objetivada. Em *Da Imperfeição*, A.J. Greimas enfatiza a dimensão tátil como o ponto culminante da sensorialidade e da intimidade³. Na proximidade, que o leitor se põe face a face, tateando o jornal com as duas mãos, do mais profundo e sensível, passa-se à visão, o mais distanciado e objetivado dos sentidos. Instauradora da leitura, essa coalescência dos sentidos indica etapas de percurso na dimensão sensível, fazendo-nos apreender nessas também um sensível inteligível. Por procedimentos que lhe são próprios, tanto o sensível, quanto o inteligível mostram que não podem mais ser tratados opondo-se, de um lado, o sentido do sensível e, do lado contrário, o do inteligível. A complementariedade e interpenetração dos dois grandes regimes de significação se encontram e se interpenetram pela orientação das qualidades mesmas do que processam. Somente no modo de processá-las, que não exclui as interpenetrações de fronteiras, os regimes se separam.

O contato que o sujeito estabelece com o jornal não advém, portanto, de nada inesperado, acidental. Ao contrário, o leitor começa sorvê-lo a partir de sua decisão de abrir o jornal, abrindo-se para uma relação de intimidade que o põe de mala e cuia na rota de viagem que lhe apresentam o dia e os fatos passados, sobre os quais se fundam as perspectivas de abordagens. Porque esse dia é passado recente, porque o leitor o segura nas mãos no *seu* jornal, ajustando a boa posição das duas partes, no corpo a corpo da leitura, ele dispensa todos os instrumentos de orientação, deixando esse papel às suas experiências. Esse conhecimento vivido vale-se, por outro lado, dos acontecimentos que tomou contato da ocorrência pelo rádio, televisão, num bate papo, ouvindo de relance uma conversa. A esses se junta ainda um saber acumulado de leituras precedentes do jornal que o torna conhecedor da localização dos cadernos, das seções, do posicionamento das matérias, que são indicados no índice, que ele nem sente mais necessidade de consultá-lo. Também, o fato de que é o próprio sujeito que elege o diário, entre vários outros existentes, para estabelecer esse tipo de contato, exerce um papel na leitura construída como um giro do leitor pelo mundo. Por último, esse giro somente é determinado pelo modo como cada jornal apresenta as ocorrências, pelo seu diagramá-las em dada posição na página e com os distintos recursos gráficos e de

³ A.J. Greimas, *Da Imperfeição*, op. cit. p.71.

diagramação assumidos por cada jornal, o que nos impossibilita de abodar a sua construção de identidade enquanto representação de algo exterior ao jornal. Esse algo é criado no próprio mundo das linguagens que a manifesta, o que faz de sua apresentação diária, uma presentificação identitária. Depende, então, do como o jornal instaura essa presença do mundo pelos modos que confere a esse uma presentificação a determinação dos giros que o leitor pode por ele e com ele dar.

Sendo tanto a finalidade da leitura, como os próprios meios de processá-la, esse giro do leitor pelos mundos do jornal mostra que os procedimentos de ajustamento balizam a construção das presenças pelo uso presentificante das linguagens⁴, construído pelo tipo de arranjo estético do projeto gráfico e pelos recursos da enunciação. Se o texto do jornal presentifica as ocorrências do dia anterior, ajustando-se às mesmas, os mecanismos de presentificação ajustam o seu discurso ao do leitor e assim ajustam-se os modos como jornal e leitor se contatam. Com um percurso que atravessa todas essas etapas, esse ajustamento dos dois sujeitos impele cada um de se promiscuir para estar em interação. Nesse tipo de contato interativo é que vão se instalar outros por meio dos simulacros vários que o jornal articula para neles situar quem o lê.

Governado pela auto-volição da qual só o próprio sujeito tem controle, o gesto do leitor faz-se ato e ele se põe na rota de sua viagem que, no primeiro momento, não é movida tanto pela reconstituição de fatos, por dados, entrevistas, documentos, tabelas, gráficos, desenhos, fotografias, enquanto construtores de simulacros da realidade e do dizer verdadeiro. É movida antes, pelo ato mesmo de ler o jornal como um hábito. O gesto da leitura diária comprova ao sujeito que tantas realidades estão dele tão próximas, mas cabe a ele controlar a que lhe vai ocorrer aqui-agora.. O que se lhe apresenta depende tão somente do estado de presença impresso no jornal, que sintoniza o sujeito na temporalidade e espacialidade dos fatos narrados. Alados na sua marcação, tempo e espaço instauram as condições para a continuidade manter seu curso, no qual o eu, empreendedor de si mesmo, é levado a se reconstituir para, noutros tempos e espaços, manifestar-se com as suas próprias formas de presença. Nessa perspectiva, o reconstituir-se na e pela interação com o seu jornal é um dos modos do sujeito auto-preparar-se para os seus demais contatos intersubjetivos que, no final das contas, é o que o fazem ser na e pela sua subjetividade.

Estesia e gestos de reconstituição subjetiva

As mídias aproveitam-se desse modo de organização subjectal que é desenvolvido pelos tipos de contato entre sujeitos e sujeitos para, sobre eles, armar situações como as da vida corrente que são projetadas em seus discursos para subjetivamente estabelecer com ele vias de contato nas e pelas relações que entretecem. Por uma generalização de seu uso diversificado nos vários tipos de comunicação de massa, esse modo de arranjar a relação intersubjetiva tornou-se um dos motores das situações de interação cada vez mais mediadas, sem a concretude dos efeitos somáticos da construção vivida em ato, uma vez que tendem a se realizar nas redes virtuais.

No jornal, essa construção é vivida e o hábito de leitura atesta o seu valor para o leitor. As estratégias do fazer sentir do jornal não têm um papel menor e elas estão inscritas no arranjo estético do plano da expressão, na discursivização, no modo pragmático pelo qual a totalidade mundo do jornal chega ao leitor em um arranjo dobrado em quatro ou duas partes, para que o leitor mesmo abra o jornal na totalidade

⁴ Sobre alguns modos de presentificação do jornal, cf. A.C. de Oliveira, “Notas sobre a presentificação: inteligibilidade e sensibilidade na primeira página do jornal”, in *Caderno de Textos do Centro de Pesquisas Sociosemióticas do CPS*, N°6, São Paulo, CPS, pp.177-189.

de suas partes: o bloco dos cadernos, os cadernos, as páginas duplas, a página toda, as seções, as matérias que requerem ser continuamente dobradas, desdobradas, redobradas, para penetrar em seu mundo. Esse mundo está aí para fazer o leitor contatá-lo nos seus gestos repetitivos, o seu arranjo plasmador dos conteúdos. Com o seu movimentar, com os seus gestos, o leitor sente, prévio a tudo o mais, os valores e o sentido que o une ao seu jornal. No e pelo ato mesmo de sentir o ordenamento sistemático do jornal, para apreendê-lo enquanto um todo de sentido, o leitor se sente a ele articulado. Nesse tipo de contato, o leitor sente que, na eleita quadratura, retangular ou quadrada, se enquadra a proposição constitutiva de uma regulação que se processa graças à inserção da sua própria sensibilidade. Enquanto sujeito sensível, ele se põe a sentir esse outro sujeito que é o jornal, também organizado por uma sensibilidade que é exposta na estética de seu arranjo que lhe propõe nele e por ele um tipo de contato. Assumindo o seu lugar na interação, o sujeito leitor vive a relação com o jornal como uma experiência. Um sentir em relação à vida que já nos faz deparar com um específico *fazer sentir* para *fazer ser*, manipulando essa interação como metamorfose de outras tantas de seu ser definido pelo se pôr em relação a outros.

No manuseio do jornal, os gestos do leitor posicionam a cena da leitura no momento mesmo em que o gesto de presentificação do mundo que o jornal lhe organiza deve ocorrer. A cena pontualiza a projeção actorial do leitor no seu ato de presença nas muitas possíveis ocorrências que podem advir tanto agora na relação entre o leitor e jornal, quanto, depois, nas relações que o leitor estabelece com os outros mundos. Esse discursivizar não está centrado, pois, nas qualidades específicas que singularizam dado jornal. A base do argumento desenvolvido faz-se no arranjo dos gestos de leitura no exato momento em que, na situação contextual diária, o leitor, um destinatário do jornal, com os seus gestos, pratica a ação de envolver-se com o jornal, um destinador. A ligação perigosa que começa no papel, nesse não para, e é como uma interação intersubjetiva, um contato face a face, que ela qualifica o encontro do leitor com o seu jornal.

O leitor é apresentado envolvido com o jornal, antes mesmo da discursivização, o leitor se põe com o jornal nas mãos, diante dos seus olhos, o que o coloca pronto a assumir a posição do “tu” do diálogo, que na leitura o jornal lhe propõe. Nessa prática do hábito, antes de se tornar enunciatário, ele, face a face, responde à convocação do “eu”, o jornal, que deu o primeiro passo, anunciando-lhe o seu querer contatá-lo. São os gestos do leitor, que desembocam em um contato em ato. Nos efeitos de sentido dessa formação de um par, que atuam juntos, construindo o seu próprio contato, o hábito de repetir esse encontro a cada leitura do jornal irradia prazer que advém do sentir -se em relação ao outro.

No hábito de ler o jornal, a estesia das presentificações

A leitura do jornal é, portanto, uma ocorrência deliberada de uma prática que se cultiva como um hábito e não uma rotina dessemantizada. O seu circunscrever em certas condições torna-a aquele ato que, bem além do que ele traz de informações ao sujeito, é uma comprovação da mesmidade do cotidiano, do seu jornal, de si mesmo. No processamento repetitivo da leitura diária do jornal, o sujeito instaura, com uma série de gestos, uma prática que ativa a sua aprendizagem da oposição mutabilidade vs permanência. Se, de um lado, a leitura do jornal pode ser tomada só pelo seu teor conteudístico, por outro lado, como um hábito ela mantém a auto-regulação dos sentidos do sujeito para sentir-se, sentir o outro e sentir as coisas que lhe ocorrem enquanto significantes. Estimulados pelos arranjos do componente estético que requer a estesia

como condição do seu sentir, o jornal arma a sua feição para que ela atualize não um outro mundo, mas esse mesmo que o leitor conhece, por meio do qual ele redimensionar o seu estar no mundo. Nessa regularidade, que torna leitor e jornal familiares cada um desfruta, a seu modo, as formas de contato. Assim é que, a cada dia, o jornal é esperado apresentando-se com o mesmo estilo, a mesma identidade, que proporciona ao leitor o sentir-se familiarizado nas formas de vida que suas páginas põem em circulação. A cada dia, elas presentificam o mundo sob a mesma perspectiva, dando provas que os valores que o regem perduram. Qualquer mudança em um projeto editorial é assim um ajuste da identidade do jornal à de seu leitor.

Se o abrir o jornal diante dos olhos é, por muitos, considerado um fazer automático, que passa por algo insignificante, procuramos mostrar o contrário, que esse gesto posiciona o leitor para abrir-se para outros horizontes, para as ocorrências em terras distantes, no seu país, na sua cidade, abrir-se para um dia outro em que ele também, o mesmo, trava muitos ajustes para se auto-transformar. Longe de uma psicologização da leitura do jornal, vemos na relação de contato que ela constrói que, tanto o leitor, quanto o jornal transformam-se o seu encontro em uma cena da vida comum, pois como parceiros que co-existem, no mesmo tempo e espaço, eles enfrentam juntos a vida que nas páginas se põe em ato. As páginas, os cadernos almejam produzir as condições para essa ligação ser estável e de longa duração, sabendo bem que a sua interação só é garantida pelo que fazem o leitor sentir esse estar junto.